

Foto: Reprodução



SMARTPHONE VEM DESTRUINDO A SAÚDE MENTAL DAS CRIANÇAS

Evidência dos efeitos catastróficos do aumento do tempo de tela é esmagadora, aponta pesquisadora

John Burn-Murdoch
Repórter de dados do Financial Times

Há algo muito errado com os adolescentes. Entre 1994 e 2010, a proporção de adolescentes britânicos que não se consideravam simpáticos caiu ligeiramente, de 6% para 4%; desde 2010, ela mais do que dobrou. A parcela que se considera um fracasso, que se preocupa muito e que está insatisfeita com a vida também aumentou acentuadamente.

As mesmas tendências são visíveis nos Estados Unidos. O número de estudantes do ensino médio que dizem que sua vida muitas vezes parece sem sentido disparou, nos últimos 12 anos. E não é apenas na esfera da língua inglesa. Na França, as taxas de depressão entre jovens de 15 a 24 anos quadruplicaram, na última década.

Para onde quer que você olhe, a saúde mental dos jovens está entrando em colapso e o ponto de inflexão é ameaçadoramente consistente: 2010, mais ou menos, ou dois anos – quando os smartphones passaram do luxo à onipresença.

A teoria de que ter as redes sociais e outras delícias digitais ao alcance da mão 24 horas por dia, sete dias por semana, podem ter um efeito prejudicial na saúde mental não é nova. Sua principal defensora é Jean Twenge, professora de psicologia na Universidade Estadual de San Diego e autora de dezenas de estudos pioneiros sobre o assunto. Mas, ainda está longe de ser universalmente aceita. O trabalho de Twenge e seu coautor habitual, Jonathan Haidt, foi, às vezes, criticado por simplesmente surfar na onda de oposição



popular à grande tecnologia. No entanto, à medida que aumentam as evidências de seus argumentos, muitos se perguntam por que demoramos tanto para aceitar o que estava bem na nossa frente.

Os sinais estão por toda parte. Primeiro, a socialização digital deslocou as reuniões pessoais. A porcentagem de adolescentes americanos que se encontram pessoalmente com amigos menos de uma vez por mês era de 3% entre 1990 e 2010, mas chegou a 10% em 2019, enquanto a parcela que diz estar “constantemente online” agora atingiu 40%.

Alguns respondem que não pode ser apenas que os aplicativos estejam atrapalhando a vida real – afinal, as pessoas que estão mais ocupadas no Instagram também costumam ser as mais ocupadas no mundo real. Mas isso deixa de lado uma dinâmica fundamental: essas tendências operam no nível geracional, não no individual. Como o tempo de tela aumentou, todo mundo sai menos para encontrar amigos.

Estudos preocupantes

Mas a dinâmica no nível individual também é impressionante. Estudos mostram que quanto mais tempo os adolescentes passam nas redes sociais, pior é sua saúde mental. O gradiente é mais acentuado para as meninas, que também passam muito mais tempo nas redes sociais do que os meninos, explicando a deterioração mais acentuada da saúde mental entre garotas.

É uma história semelhante as taxas mais altas de depressão entre os adolescentes liberais do que entre os conservadores. Se você suspeita que crianças liberais estão mais deprimidas por terem crescido em uma cultura que valoriza a preocupação com a injustiça, aconselhe cautela. Primeiro, a pesquisa de Twenge aponta uma explicação mais provável: os jovens liberais simplesmente passam mais tempo online do que os conservadores. Em segundo lugar, vemos a mesma tendência crescer entre os conservadores – só está atrasada.

Alguns sugerem que a sociedade moderna é mais aberta à discussão sobre saúde mental, então, o que estamos vendo é apenas um aumento dos relatos, não da prevalência. Mas os adolescentes britânicos que passam cinco ou mais horas por dia nas redes sociais correm um risco de dias a três vezes maior de autoagressão do que seus colegas menos conectados.

Outros apontam que correlação não é causalidade. De fato, Mas hoje temos um corpo crescente de pesquisas mostrando que reduzir o tempo nas redes sociais melhora a saúde mental. Então, o que podemos fazer? A resposta mais comum é “educar as crianças e os pais”. Mas, como mostram os casos de obesidade e tabagismo, as campanhas de informação pública são notoriamente ineficazes diante do vício.

Outra opção seria basear-se na evidência de que, quando as pessoas são incentivadas a fazer uma pausa prolongada nas redes sociais, algumas se desconectam para sempre. E depois há a regulamentação – por que não aumentar o limite de idade para aplicativos sociais e punir as empresas que não o aplicarem?

Em última análise, porém, não sou otimista. Combater a obesidade tem sido tão difícil porque você não pode impedir as pessoas de comer.

E lutar contra o vício em rede social é difícil, porque você não pode impedir as pessoas de usar smartphones. Até que alguém invente o equivalente a uma droga para emagrecer aplicada ao Instagram, o futuro parece sombrio.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves



Fenômenos do pagode e referência em seu segmento, o grupo “Menos é Mais” se prepara para o retorno da turnê do projeto que mudou suas vidas e consagrou o grupo como um dos maiores nomes do pagode do mundo. Trata-se da “Turnê Churrascuinho”, em que eles levarão pagode para todos os cantos do Brasil. E a primeira cidade será Curitiba, em maio, e depois em outros locais do país receberá os shows.

Rapidinhas...

Não é de hoje que artistas erram o nome do Estado. No último fim de semana, foi a vez da dupla Malara e Maraisa errarem o nome de MS, elas chamaram de MT. O erro causou bastante repercussão nas redes sociais. Será que não está na hora de discutir a mudança de nome do Estado?

A organização da Expogrande deste ano está de parabéns. A cidade toda comentando e falando sobre o evento. Só ouvi elogios e muita gente satisfeita com as apresentações culturais e exposições. Show de bola!

Por falar em eleições, Campo Grande começou cedo a discussão sobre cenário político para 2024. Novos pré-candidatos a prefeitos e vereadores estão surgindo. Dizem que vai ter mais de 50% de renovação na Câmara. Será? Só acredito vendo...

Tive conhecimento de que meu nome apareceu na pesquisa da Ranking, de intenção de votos para vereadores. Fiquei feliz pelo reconhecimento, entretanto, não sou pré-candidato e nem tenho intenção de disputar qualquer cargo.

Vários artistas e pessoas públicas estão revoltados com o Twitter. Muitos deles deixaram de ser verificados na plataforma social. E não foi pouco, inclusive o Felipe Neto, foi um dos que perdeu o selo de verificação. Agora terão que pagar para serem verificados. Que coisa hein!!!

Este ano, assisti poucas vezes ao “BBB” e não fui o único. A Globo atingiu uma das mais baixas audiências das últimas edições, inclusive, havia recuperado a audiência durante a pandemia. Mas agora, não consegue conquistar o público novamente. Não é para menos, pois hoje em dia tudo é motivo de cancelamentos, af os participantes entregam menos para o telespectador.

Desejo a vocês uma excelente semana. Vem mais feriado por aí e eu irei aproveitar para descansar. Forte abraço e até mais!

www.bigglotshoes.com.br



Quebra do sigilo da confissão no Brasil colonial (Cotidiano e vida privada na América portuguesa)

Carlos Frederico Corrêa da Costa

Apesar das recomendações e conselhos, o tribunal da confissão apresentava um dos espaços em que mais frequentemente os sacerdotes resvalavam na disciplina eclesial.

Muitos e muitos desobedeciam às Constituições, ouvindo suas penitências dentro da sacristia, no alpendre das casas, sentados na rede ou indecentemente vestidos. Outro tanto de confessores acrescentava os fíflis com cenas vexatórias.

O padre Antônio Alves Virejão, vigário em Sergipe, ao confessar uma crioula na capela do Bom Jesus da Confissão, saiu do confessorário, gritando: “Cuidei achar gente

honrada e de vergonha, não encontrei senão mulheres prostitutas e homens infames”.

Em Mariana, o padre José Gouveia trazia uma bengala no confessorário e, certa feita, levantou-se e disse: “Já me admirava que entre tantos não viesse um ladrão”, pegando um negro pelas orelhas e puxando-o; em seguida foi tomar tabaco, dizendo que “não se pode aturar negros”.

Mais grave ainda, o padre Francisco de Paula Bernardes, assistente na Igreja da Saera Família, no Rio de Janeiro, negava-se a confessar quem não lhe desses presentes; ao índio Mariano exigiu meio alqueire de arroz pilado e a Manuel Avelar perguntou: “O que me trazes?”. Como o

fiel respondesse “trago uma leitão”, resolveu-se a confessá-lo. Provocou escândalo ao excomungar a um surdo pelo simples fato de ter se confessado noutra freguesia, sem lhe pagar.

Para mais fácil e segura a confissão dos pecados, a teologia moral e o código canônico estabeleceram uma regra áurea nesse controverso sacramento, tão questionado pelos luteranos: o sigilo.

Conforme o texto constitucional, o sigilo da confissão era “uma obrigação que o confessor tem de não manifestar os pecados que lhe confessam e procede do direito natural, divino e humano”. Deveria ser estritamente observado, não sendo lícito ao confessor

“descobrir os pecados que na confissão se lhe manifestam, nem para livrar a própria vida, porque, de outra maneira, seria a confissão odiosa”.

Os clérigos coloniais descumpriram fundamental regulamentação, tornando público o que lhes fora confiado em absoluto sigilo.

Na freguesia dos Carijós (Minas Gerais), o padre Manuel Vaz de Lima é acusado de descobrir o segredo da confissão e perguntar o nome dos cúmplices nos pecados contra a castidade, procedendo da mesma forma o padre José de Brito e Sousa, vigário do Rio Vermelho, no Serro Frio que, mais ousado, perguntava aos penitentes o endereço das mulheres que tinham sido parceiras nos pe-

cados da sensualidade.

O padre Marcos Soares de Oliveira, de Igarapé (Pernambuco), quebrava o sigilo da confissão, dizendo aos senhores os pecados carniais das escravas e a alguns maridos as infidelidades de suas esposas. O padre Francisco Moura Brochado, de Paracatu, além de pedir os nomes dos cúmplices, perguntou certa feita a uma escrava “se levava recados de sua senhora para algum homem”; a negra deu tal grito no confessorário que o escândalo se tornou público, em toda a freguesia.

Todas condutas gravemente proscribas pelo Direito canônico, contudo, poucos foram os “sigilistas” do Brasil colonial que chegaram a so-



Membro da Academia Maçônica de Letras de MS, Patrino Lamartine Babo, Cadeira - 06

frer as penalidades impostas pelo Direito canônico. Entre os condenados, cite-se o vigário de Santana da Campina, em Belém, denunciado na Visitação (Inquisição) ao Estado do Grão-Pará.

Referência bibliográfica

COSTA, Carlos Frederico Corrêa da (pela transcrição e adaptação) de: MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu in: NOVAIS, Fernando A. (org.). História da vida privada no Brasil 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. pág. 212-214.